

o céu de Louise

Senhora Aparecida

A salgada brisa de sudeste antecipa a chegada da noite e suas consequências. A areia fina passeia entre os dedos dos pés, cada unha pintada de uma cor diferente para os dedos não trocarem de lugar. Na beira-mar, Louise dança, movendo os pés juntos em círculos, até ser enterrada viva. Desde criança. Chega a ter medo que falem forças para sair. Desde criança. Fundeados os tornozelos, escuro o céu, hora da contagem das estrelas. Uma, duas, três..., quatorze, uma a menos que ontem. Mesmo sem os óculos escuros, não encontra o astro fujão.

Quando a vida era sépia, havia mais estrelas. Um número maior até do que as mãos abertas, os dedos bem separados, indo e vindo infinitas vezes, podiam mostrar para a avó. Hoje a vida segue no ritmo dos celulares com câmaras de alta definição, centenas de fotos iguais, indubitáveis. Não há mais álbuns pesados, onde uma foto tremida e desfocada leva a discussões familiares. Passou a tarde acarinhando esses momentos presos em cinzas. Com a ponta do indicador passeando pelo papel brilhante, desenhando sobre os noivos sorridentes, identificava o orgulho dos padrinhos, a doçura do bolo de três andares, o aroma do arranjo de flores do campo, as cócegas das bolinhas do champanhe na ponta do nariz, a animação da orquestra. Foi a noite em que ser filha única compensou. O pai não poupou despesas. Seu bigode áspero, imóvel, preso no retrato. O sorriso da mãe, ausente das imagens, fugidio nas memórias.

Quando a vida era sépia, a avó de Louise contava histórias sobre o dragão que mora na lua e come estrelas, é preciso que as crianças as replantem, usando boas ações como sementes. Feijões no algodão.

O sumiço das estrelas pode ser explicado pela poluição do céu, pelas lâmpadas dos postes, pelos faróis dos automóveis na rua da praia, pelas muitas luzes nos apartamentos da orla, pelos poderosos holofotes que iluminam, na areia dura, o imaginário campinho, goleiras marcadas por chinelas, onde negrinhos disputam partidas como se fossem a coisa mais significativa de suas vidas, justo motivo para se morrer por, para matar por. Mas pode ser explicado também pelo aumento do apetite dragontino, ou pelo fim das boas ações aqui embaixo. O céu sem lua não permite que a criança em sépia ralhe com o dragão. Feio!, gritava Louise, se lua redonda.

Encorajada pelas piores notícias, estimulada pela fada verde, escondida por um século atrás do material de pesca do avô, decidiu enfrentar a maior aventura de todas. Não há motivo para estragar o vestido de luto ou a roupa de baixo, quase nova. A noite escura tudo permite. Dobra e redobra até tudo

caber dentro da gaveta imaginária, do armário imaginário, que a segue desde sempre, para evitar bagunça.

A nudez radioativa, capaz de incendiar qualquer ambiente, é lenda construída pelos desejos dos cobiçosos e das invejosas, imaginada sob os muitos tecidos que a mostravam, escondendo. A nudez crua, ossos, carne, pele, espanta mais do que atrai.

Retribui, com um meneio de cabeça e um sorriso contido, às gentilezas que uma gaivota alvinegra lhe dirige, antes de desaparecer em fumaça. Gaivotas não existem durante a noite.

Segue o destino planejado: mar adentro, disposta a criar o seu caminho. Pegadas nítidas, fugazes, lambidas pela maré. Estrada egoísta, secreta, irastejável.

A onda furiosa bate em seus joelhos e quase a derruba; a onda gelada bate em suas coisas, para lembrá-la dos muitos medos a enfrentar; passo adiante, a onda bate no umbigo, sinal de perigo; em seu peito, para exigir respeito; a onda bate na cara, Louise apanha. Sob a onda, perde a pegada, o olhar flutua, a correnteza arranca a fita de seu cabelo e a guia até a plantação de estrelas. Ela percebe que algumas estão maduras, se não forem colhidas, cairão, encerrando seus dias como baças estrelas-do-mar.

Desbordam os braços com estrelas maduras colhidas, ergue suas asas tordilhas de Pégaso para subir, recolocá-las no firmamento, acima, muito acima, de sua cabeça. A tentativa falha, penas molhadas não se prestam para voar. Ninguém vem ajudar.

Seu pesadelo recorrente se concretiza, o dragão de asas escamosas e cauda ondulante, atraído pelo brilho no seu colo, escancara a bocarra e a engole, inteira. No estômago do monstro, onde deveria reinar breu completo, flutuam milhares de estrelas, dezenas de milhares estrelas, centenas de milhares estrelas, infinitas estrelas.

Louise, sépia, se acomoda o melhor que pode num cantinho e, com ajuda do fura-bolo, inicia a tarefa: uma, duas, três, quatro...